

POLÍTICA

HAROLDO HOLLANDA

Sarney, o favorito

Anão ser que ocorra um fato político novo nos próximos 45 dias, tudo indica que o senador maranhense José Sarney será o próximo presidente do Senado. As candidaturas de Pedro Simon e Íris Rezende não foram capazes de abalar até aqui o favoritismo do ex-presidente da República. Uma indicação importante foi dada dias atrás pelos jornais, ao revelar que, numa reunião política presidida por Fernando Henrique Cardoso, em que se encontrava também presente o ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, mencionou-se iniciativa que estaria sendo tomada pelo senador e ministro Élcio Álvares, no intuito de atrair para a bancada do PFL senadores de outros partidos, com o que se poderia alterar o desfecho da batalha política pela conquista da presidência do Senado. O ex-governador baiano interveio na conversa para dizer que, se verdadeira a mano-

bra de Élcio, ele poderia mandar como reforço para a bancada do PMDB seu conterrâneo e amigo, Waldeck Ornelas, que acaba de se eleger pelo PFL baiano. ACM é um dos eleitores de Sarney.

Quem tem cartucho ainda para perturbar o jogo político de Sarney é seu conterrâneo e amigo, o senador eleito por Goiás, Íris Rezende. Mas Íris está chegando pela primeira vez ao Senado. Sua eleição iria quebrar uma tradição política. Quanto a Pedro Simon, os coordenadores de sua própria candidatura confessam ter atenuado as articulações políticas que vinham realizando com receio de serem atropelados por Sarney. Só haveria um meio de garantir a eleição de Simon para a presidência do Senado: se Fernando Henrique resolvesse entrar na disputa a favor do senador pelo Rio Grande do Sul, jogando todas as fichas no seu nome, o que não aconteceu até aqui.

Liderança do PSDB no Senado

Político que freqüenta a intimidade de Fernando Henrique Cardoso diz que ele prefere ter o cearense Beni Veras ao fluminense Artur da Távola na liderança do governo e do PSDB no Senado. A alegação é a de que Beni está mais afinado com o discurso que Fernando Henrique Cardoso proferiu esta semana ao despedir-se do Senado, no qual definiu as principais linhas do seu governo. Quanto a Artur da

Távola afirma-se que ele ainda estaria preso a determinados compromissos ideológicos com parcelas do eleitorado do Rio, que o inibiram a assumir a defesa de vários projetos a serem levados ao Congresso pelo presidente eleito. Com a presença de Beni na liderança, FHC prestaria também uma homenagem ao PSDB do Ceará, que não está representado em seu ministério.